

DOS TRÓPICOS AO PRATA: VIAJANTES BRASILEIROS PELA ARGENTINA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX¹

*Kátia Gerab Baggio**
kgbaggio@uol.com.br

RESUMO: Nas primeiras décadas do século XX, houve um esforço do governo e de intelectuais brasileiros para estreitar os laços com a América Hispânica, em especial, com a Argentina. Essa aproximação pode ser observada, entre outros documentos, através de relatos de viagens, que constituem fontes significativas para recuperar as visões sobre o “outro”. A partir de algumas reflexões sobre as narrativas de viagens como fontes históricas, analisamos três relatos de viajantes brasileiros pela região do Prata: do jornalista Arthur Dias, publicado em 1901; de Mario Brant, em 1917 e, por fim, de Luiz Amaral, em 1927. Consideramos que as narrativas de viagens entre as Américas são fontes ricas - e ainda pouco exploradas pelos historiadores - para a compreensão das representações construídas por latino-americanos sobre outros latino-americanos, levando-se em consideração que as identidades nacionais afirmaram-se, em grande medida, frente aos países vizinhos.

PALAVRAS-CHAVE: relatos de viagens, viajantes brasileiros, Argentina.

Como sabemos, a identidade nacional afirmou-se, no Brasil, entre outros elementos e mecanismos, em contraste com a América Hispânica. Os relatos de viagens de brasileiros por países hispano-americanos constituem fontes significativas e ainda muito pouco conhecidas e exploradas para compreendermos as visões construídas, no Brasil, sobre os países vizinhos. No início do século XX, houve um esforço do governo e de intelectuais brasileiros para estreitar os laços com a Hispano-América, demonstrado, por exemplo, pelo incremento de publicações - artigos, revistas e livros -, no Brasil, sobre as Américas e suas relações. Houve, também, um crescimento das viagens entre os países do continente, com objetivos diversos: diplomáticos, comerciais, jornalísticos, culturais, científicos ou, ainda, turísticos e aventureiros. Muitas dessas viagens, com diferentes intenções somadas e inter-relacionadas.

* Professora do Departamento de História da UFMG.

Entre essas viagens, podemos destacar a visita do presidente brasileiro Campos Salles à Argentina, acompanhada por um expressivo número de jornalistas, entre eles Arthur Dias, que publicou seu relato em 1901, ano seguinte à viagem; a missão chefiada por Ruy Barbosa ao país vizinho, em 1916, por ocasião das celebrações do centenário da Proclamação da Independência das “Províncias Unidas de Sul-América”, que foi relatada por Mario Brant; e a viagem do jornalista Luiz Amaral que, em 1927, narrou seu longo percurso pelo Paraguai, Argentina e Bolívia, atravessando, inicialmente, o oeste paulista e o estado do Mato Grosso.² Pretendemos, a partir da análise dos relatos selecionados, contribuir para o mapeamento do processo de construção e reconstrução de imagens e representações brasileiras sobre a América Hispânica e acerca das relações entre as Américas, objetivo que já busquei em projetos anteriores (BAGGIO, 1998; BAGGIO, 2006a).

Podemos afirmar que o Brasil oscilou – nos últimos dois séculos – entre sentir-se parte integrante, ou não, da América Latina, dependendo da conjuntura político-cultural e econômica. Como também já é fartamente conhecido, nosso país buscou se aproximar, ao longo da sua história, muito mais da Europa e, posteriormente, dos Estados Unidos do que dos seus vizinhos. Além disso, as relações do Brasil com os países hispano-americanos foram caracterizadas, em vários momentos, por desconfianças mútuas (BAGGIO, 1998; CAPELATO, 2000; PRADO, 2001).

O Brasil procurou fortalecer suas relações com os Estados Unidos ainda sob a monarquia, durante o Segundo Reinado. Em relação às repúblicas hispânicas, o Brasil monárquico manteve-se, predominantemente, como um vizinho incômodo até 1889. Entretanto, também em relação aos Estados Unidos, não há dúvidas quanto à maior aproximação do Brasil após a Proclamação da República. O novo regime abria as portas para um melhor entendimento diplomático do país com as repúblicas americanas. Significava que o Brasil abandonava o monarquismo europeísta - simbolizado pelos Bragança - e aderira à “vocalização republicana e liberal das Américas”. Não foi casual que o novo regime brasileiro foi reconhecido inicialmente pelos países americanos e, só num segundo momento, obteve o reconhecimento dos governos europeus.³

Houve, nesse período, um evidente fortalecimento do americanismo no Brasil, ainda que o exemplo norte-americano tenha sido aquele que ganhou a adesão efetiva da maioria dos intelectuais. No início da república, como é sabido, houve um grande esforço dos governos brasileiros – parti-

cularmente na gestão do Barão do Rio Branco como ministro das Relações Exteriores, de 1902 a 1912 - para solucionar os conflitos fronteiriços com os países vizinhos sul-americanos, objetivando, em grande medida, aumentar a influência geopolítica do Brasil na América do Sul.

Os relatos de viagens de brasileiros pela América Hispânica, na conjuntura do início do regime republicano, são fontes que revelam aspectos importantes das representações construídas e veiculadas no Brasil sobre os países vizinhos. Na América Latina, estudos sobre viagens e viajantes abordam, com raras exceções, narrativas de europeus sobre o continente americano. Como afirma Stella Maris Scatena Franco (2008, p. 22-23), “estamos tão acostumados a associar os ‘viajantes’ aos ‘europeus’, que não nos ocorre englobar os latino-americanos nessa categoria”. Os latino-americanos, ao contrário dos europeus, “são colocados no lugar de povos ‘visitados’ e jamais de ‘viajantes’.⁴ Há quase quatro décadas, Noé Jitrik (1969, p. 11-12) já indicava, na introdução a uma antologia de narrativas de viagens de escritores argentinos pela Europa, que “não existem ‘viajantes argentinos’ para as universidades inglesas nem européias”, ao passo que os relatos de viajantes europeus pela Argentina, particularmente os ingleses, gozavam de “grande prestígio nas universidades argentinas”.

Mary Louise Pratt, em seu livro *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*, analisou as vinculações entre as narrativas de viagem, os projetos imperialistas e as representações da América Latina e da África construídas por viajantes europeus e norte-americanos entre meados do século XVIII e o século XX, com ênfase no XIX. Pratt, em seu trabalho, enfatizou o “discurso de autoridade” dos europeus sobre os territórios latino-americanos e africanos, considerados “disponíveis” para a exploração científica e econômica. E, num sentido contrário, também analisou representações da Europa e da própria América elaboradas por latino-americanos (PRATT, 1999).

Se os estudos sobre narrativas de viajantes latino-americanos pela Europa e Estados Unidos ainda são poucos,⁵ mais raras ainda são análises que têm como objeto relatos de viajantes latino-americanos por outros países da própria América Latina. No Brasil, os estudos sobre narrativas de viagens referem-se, com raras exceções, aos europeus que vieram e escreveram sobre o país. No entanto, brasileiros - homens e mulheres - viajaram pela Europa, Américas, além de outros continentes, escreveram sobre suas viagens e construíram representações sobre os lugares visitados. Mas, diferentemente da maioria dos viajantes europeus, que vinham à América em busca de riquezas naturais, novidades científicas, oportunidades de negócios, novas terras, além

de “paisagens pitorescas” e culturas “exóticas”, os latino-americanos iam à Europa em busca, numa palavra, de “civilização”: freqüentemente, realizavam viagens de estudo, formação intelectual e cultural, ou viajavam em busca de “soluções” para os problemas dos seus países de origem.

Não se pode ignorar que as visões construídas por latino-americanos sobre outros países desta parte do continente foram, em grande medida, informadas pelas imagens elaboradas sobre a América Latina por europeus e norte-americanos, como já destaquei anteriormente (BAGGIO, 2006b, p. 80). Myriam Ávila usa a seguinte imagem - inspirada em *Alice através do espelho*, de Lewis Carroll - para representar a presença do referencial europeu nas narrativas produzidas por latino-americanos: “há alguém segurando o lápis por detrás quando o escritor latino-americano escreve”. Ainda que essa imagem me pareça excessiva, dado que pode induzir à idéia de “anulação” da possibilidade de criação por parte dos latino-americanos, não há como negar que as imagens e representações da América Latina foram e são permeadas, mesmo quando criadas por escritores e artistas desta parte da América, pelas imagens e representações construídas pelos europeus e americanos do norte. É o que Myriam Ávila (2008, p. 85) denomina “reduplicação do olhar” e o escritor argentino Ricardo Piglia (1991, p. 61), chama de “mirada estrábica”. Afirma Piglia: “há que se ter um olho posto na inteligência européia e o outro posto nas entranhas da pátria”.

Nos relatos de viagens, são usuais as referências a relatos anteriores aos mesmos destinos, seja para “confirmar ou refutar uma visão estabelecida” (FRANCO, 2008, p. 127). No caso dos viajantes latino-americanos, essa prática relaciona-se com a suposta necessidade do aval do “discurso de autoridade”, vinculado aos europeus.

A fim de pensar acerca do tema da alteridade e sua relação intrínseca com os relatos de viajantes, tomo das reflexões do historiador francês François Hartog presentes em seus livros *O espelho de Heródoto* (1999) e *Memória de Ulisses* (2004). As narrativas de viagens necessitam “traduzir” o “outro” para seu destinatário, ouvinte ou leitor. Ou, como afirma Hartog: “a questão é perceber como a narrativa ‘traduz’ o outro e como faz com que o destinatário creia no outro que ela constrói”. Hartog analisa o que ele denomina de “retórica da alteridade”, ou seja, “as regras através das quais se opera a fabricação do outro”. Nessa “retórica da alteridade”, construída nas *Histórias* de Heródoto, “tudo se passa”, segundo Hartog, “entre estas quatro operações: *eu vi, eu ouvi, eu digo, eu escrevo*”. Hartog identifica essa “retórica da alteridade” como própria das narrativas que falam do outro, particularmente os relatos de viagens, tomados num sentido amplo. Esse

narrador/viajante precisa persuadir as pessoas de “seu mundo” sobre “um outro”, tendo que se enfrentar com o problema da *tradução* (HARTOG, 1999, p. 228-229).

Uma das maneiras de traduzir a diferença é através da inversão, da construção de um “antipróprio”. Nos relatos de viagens e nas utopias, a inversão é um dos elementos mais freqüentes do discurso. Passa-se da diferença à inversão, como uma estratégia de inteligibilidade, de tradução. Mas a inversão não é o único elemento discursivo. Outra estratégia discursiva fundamental é a comparação, com o estabelecimento de semelhanças e diferenças, como mais um mecanismo de tradução. Também se compara a partir da aproximação, do paralelo e da analogia, utilizando-se a fórmula: *a* é para *b* como *c* é para *d*. Para traduzir o “outro”, o narrador necessita criar mecanismos de inteligibilidade que, em grande medida, reduz o “outro” ao já conhecido. A comparação, operada dessa maneira, como mecanismo de tradução a partir do olhar sobre o “outro”, “filtra o outro no mesmo”, transformando a diferença em algo passível de ser assinalado, mensurado e dominado (HARTOG, 1999, p. 245).

As narrativas de viagens também dedicam, via de regra, um espaço às “maravilhas” e curiosidades. Esse procedimento também é parte da “retórica da alteridade”. Exalta-se a beleza, a raridade, a grandeza, o extraordinário, o notável. Ou, por outro lado, a ausência de “maravilhas”. O narrador pretende classificar e ordenar os fenômenos, auxiliando o destinatário a apreender o desconhecido (HARTOG, 1999, p. 249). Ele avalia, mede e conta, com o objetivo de revelar o que vê para o leitor ou ouvinte, buscando um “efeito de realidade”, como nas expressões: eu vi, eu percorri etc.

Hartog faz referência, ainda, ao que ele denomina de “terceiro excluído”. Na “retórica da alteridade”, há uma certa incapacidade de abordar mais do que dois termos de cada vez. Na impossibilidade de sustentar, de forma convincente, uma alteridade com três pólos, o narrador assimila um dos termos a outro, transformando-a em uma dualidade, evidenciando a alteridade de dois dos elementos presentes. E dá exemplo: ao tratar de citas, persas e gregos, para realçar as diferenças entre citas e gregos, aproxima os persas dos últimos. Ou seja, a retórica da alteridade tende a ser dual: um e outro.

Ulisses, em suas viagens, também “traça os contornos de uma identidade grega”. Nas palavras de Hartog (2004, p. 15), “um homem-fronteira e um homem-memória”, um desses “viajantes inaugurais que são eles próprios marcos de fronteiras, embora móveis”, seres “intermediários e tradutores”.

Hartog defende que esses viajantes, esses “homens-fronteira”, revelam uma inquietação, dão lugar ao outro, mas sempre a partir do mundo grego. Sendo a fronteira esse espaço de “movimento”, “de fechamento e abertura”, “espaço entre dois”. Nas palavras de Hartog (2004, p. 17): “os gregos puderam, dizendo o outro, pensar a si mesmos”. Podemos asseverar que as narrativas sobre os outros objetivam, em última instância, refletir, também, sobre o próprio.

Tomar relatos de viagens como fontes supõe que se leve em consideração, inicialmente, a natureza e a forma das narrativas analisadas. Os relatos de viagens podem ser escritos sob a forma de diários, memórias, cartas, crônicas, relatórios etc. Nem sempre são escritos para serem publicados. Muitas vezes, são rigorosamente pessoais – como, por exemplo, os diários ou as cartas íntimas. Muitos relatos são, inclusive, mesclas de diferentes formas de narrativa. Entretanto, há muitos relatos escritos com o objetivo explícito de serem publicados, principalmente no caso de jornalistas, romancistas, diplomatas ou intelectuais de diferentes áreas de atuação. E há também os relatórios de viagem, geralmente frutos de expedições de natureza científica e/ou militar. E, na maioria dos casos, os relatos são reelaborações de notas, apontamentos, rascunhos, esboços ou diários de viagens (FRANCO, 2008, p. 103). Além disso, vale destacar que muitos relatos são publicados pouco tempo depois do retorno – meses ou alguns anos após a volta ao lugar de origem – e outros, muitos anos depois; em alguns casos, só no final da vida do narrador/viajante, quando ganham um evidente caráter memorialístico. Muitos relatos, além da narrativa textual, incluem ilustrações – esboços, desenhos, pinturas ou fotografias, dependendo das habilidades do viajante e dos recursos tecnológicos à disposição. Os registros visuais, acrescentados aos relatos, dão aos leitores a possibilidade de “verificação empírica” das informações e impressões relatadas, fornecendo às narrativas uma maior “validade e confiabilidade” (SALGUEIRO, 2002, p. 304). Como afirma Valéria Salgueiro (2002, p. 305), referindo-se aos viajantes europeus do século XVIII, que circulavam pela própria Europa:

Os viajantes não desejavam apenas belas imagens, mas também vistas que fossem lembranças visuais de fato do real [ou, pelo menos, assim compreendidas], isto é, que funcionassem também como registros topográficos. Ainda que a projeção da fantasia pudesse estar presente, turistas queriam levar para casa, ao retornarem, imagens que pudessem documentar, para si mesmos e para seus amigos e parentes, sua estada em um determinado local; que fossem, enfim, registros de memória.

É importante destacar, também, o surgimento de uma nova modalidade de viagem, em fins do século XVII, e sua disseminação a partir das últimas décadas do século seguinte, principalmente na Europa: o turismo ou a viagem por prazer, gosto pela aventura, admiração pelas paisagens naturais e pelo “sublime”, “edificação pessoal”, “amor à cultura”, à arte, à história, aos monumentos e às ruínas, preferencialmente, as da Antigüidade clássica (SALGUEIRO, 2002, p. 289-310). Mais um século depois, em finais do XIX, o turismo de massa se expandia, com a ampliação da acessibilidade às viagens e a criação de infra-estrutura - trens, embarcações a vapor para as longas travessias, hospedarias confortáveis- e outras comodidades impensáveis anteriormente. A partir dessa época, os viajantes passaram a ser denominados de turistas e a figura do viajante, na sua individualidade, foi substituída pela do turista, diluído na massa (FRANCO, 2008, p. 121-123).

No caso dos relatos aqui selecionados, os três têm natureza jornalística. Arthur Dias (1901, p. 37, 315), como já anunciado, foi um dos cerca de 30 jornalistas⁶ que acompanharam a visita do presidente Campos Salles - que governou de 1898 a 1902 - à Argentina. A estada de uma semana de Campos Salles em Buenos Aires, de 25 de outubro a 01 de novembro de 1900, foi uma retribuição à visita anterior do presidente argentino Julio Roca ao Brasil, em agosto do ano anterior. Brasil e Argentina, entre fins do século XIX e inícios do XX, tinham interesses mútuos em fortalecer suas relações diplomáticas e comerciais.

Arthur Dias - que foi à Argentina como colaborador do jornal *A Imprensa*, do Rio de Janeiro - publicou seu relato no ano seguinte ao da viagem, 1901, e dedicou o livro ao próprio presidente Campos Salles. O extenso relato, com 317 páginas - mais o prefácio - divididas em 29 capítulos, tem início com a partida no porto do Rio de Janeiro, em 22 de outubro de 1900, e termina com o retorno à mesma cidade, no dia 13 de novembro. Inclui, além de descrições dos caminhos, das cidades e da paisagem natural, inúmeras imagens (fotografias e desenhos), sobre as quais não há indicação de autoria, deixando a suposição de que seriam fruto do trabalho do próprio jornalista. O autor, no prefácio, de março de 1901, anuncia que sua pretensão foi apenas a de fornecer “um depoimento pessoal, espontâneo e desprezioso sobre a Argentina”, mas com um caráter de “reportagem”, de descrição do “real”, na busca por tornar conhecido, no seu país, o que “viu no alheio”. Afirma sua intenção de, com seu “relato de impressões de viagem”, colaborar para a aproximação das “repúblicas da América” e para fomentar a “fraternidade internacional” (DIAS, 1901, p. XI-XIV).

A bordo do navio *Alpes*, chama a atenção de Dias a presença de cerca de 1500 emigrantes italianos, espanhóis, portugueses e franceses que se dirigiam à Argentina. “Aglomerada enjaulada, oprimida entre as amuradas do *Alpes*”, que, vinda da Europa, aportara em Santos e, depois, no Rio de Janeiro, para seguir a Buenos Aires. Dias descreve as péssimas condições de viagem dos emigrantes com riqueza de detalhes. Denomina esse transporte humano de “tráfico branco” e, sobre esses viajantes, que abarrotavam a terceira classe, afirma:

Mas, se acolá, em verdade, essa massa é a escória, aqui se transforma em semente; lá é resto, aqui é fundamento; lá é automatismo, aqui é vontade; lá padecente e revoltada, aqui semeadora e pioneira; lá demasia, fermento, destruição, aqui necessidade, nutrição e vida. Contendo nas veias duas energias antagônicas, [...] segundo as circunstâncias lhe dão por teatro o éden fecundo da América, ou a agrilhoam à gleba da Europa, que se lhe estreita cada manhã, mais ingrata (DIAS, 1901, p. 28-29).

Ao descrever o desembarque, o autor refere-se, brevemente, a um motim de imigrantes da terceira classe - “insuflados”, segundo Dias, por alguns viajantes da segunda classe -, ao que parece, em razão da ordem de desembarque na ilha de Martín García, no Rio da Prata, para fins de desinfecção. A ilha funcionava como lazareto e porto de quarentena - ressalte-se que, no período, as epidemias de febre amarela e de outras doenças provocavam um grande temor. Os jornalistas brasileiros e demais membros da primeira classe foram liberados para o desembarque, com a desinfecção apenas das bagagens. Dias faz menção ao atraso de um dia no desembarque de todos os passageiros, provocado pela violência da revolta, contida apenas pela ação repressiva de um destacamento militar argentino.

Apesar desse “incidente”, o elogio à América, como terra da promessa e das oportunidades aos desvalidos - que aparece claramente na citação anterior -, continua dando o tom no relato de Dias. Após 9 capítulos e 86 páginas, nas quais narra os acontecimentos da semana despendida na viagem de ida - com várias passagens bem humoradas, além de descrições espirituosas e irônicas sobre os companheiros de viagem, apesar da reconhecida monotonia e tédio dessa primeira etapa da viagem -, o relato ganha, a partir da chegada à capital argentina, um evidente tom celebrativo.

As avaliações do autor sobre Buenos Aires são as melhores possíveis. Impressiona o entusiasmo com que o jornalista descreve a vida urbana buenairense, com riqueza de detalhes de sua conformação urbanística. Usa,

repetidamente, qualificativos como “cidade colossal, radiante de progresso e de opulência”; equiparável aos “grandes centros cosmopolitas do globo”; com “encantos e prestígios irresistíveis”; “ponto de repouso dos anseios da civilização em meio dos desertos austrais”, “soberba metrópole sul-americana”, “belíssima capital”. Exalta o “progresso”, o “extraordinário aperfeiçoamento” da urbe platina. Para ele, Buenos Aires era uma “decisiva afirmação da vitalidade dos novos galhos da árvore latina fora da Europa”; um “protesto irrecusável contra o preconceito da incapacidade das sub-raças meridionais”; um “motivo de orgulho para toda a família neolatina” (DIAS, 1901, p. 90-97). Elogia a atividade portuária; a população crescente; o comércio pujante; as largas avenidas; a arquitetura exuberante dos edifícios públicos, igrejas, casas comerciais, hotéis e teatros; os parques; os meios de transporte - ferrovias, bondes elétricos, carros e o *subway*, cujo início de construção já havia sido aprovado, em plena virada do século -; a iluminação pública; a vida noturna; a pujança cultural; a produção artística; a imprensa. Enfim, celebra todas as características da vida metropolitana buenairense. Denomina os portenhos de “ianques do sul” (DIAS, 1901, p. 98-124).

Ao tratar do que ele denomina “os alicerces da nacionalidade”, enfatiza os investimentos na instrução pública - momento em que, como não poderia deixar de ser, enaltece o ex-presidente Sarmiento (DIAS, 1901, p. 126). Elogia, também, os edifícios escolares, mas critica com veemência o que ele denomina “praga dos povos latinos”: uma educação bacharelesca que não preparava os jovens para as “necessidades da vida moderna, prática, industrial e utilitária” e para a “competição com os *struggleforlifers*” (DIAS, 1901, p. 129).

Chama nossa atenção que, no ano seguinte à publicação de *Ariel*, de Rodó - obra que, como se sabe, circulou largamente em toda a América Latina, inclusive no Brasil -, Arthur Dias tome uma posição oposta: defende uma educação pragmática, adequada à sociedade urbana e industrial. Não deixa dúvidas quanto à sua “nordomania”, para usar a expressão de Rodó, em referência à influência do modelo norte-americano de desenvolvimento e organização econômico-social em todo o continente. Entretanto, enfatiza que, na Argentina, estava-se elaborando uma reforma educacional com vistas à formação técnica e industrial (DIAS, 1901, p. 130-131).

Dias destaca, ainda, a “conquista do deserto, a nacionalização da Patagônia, o apuramento da raça, a difusão do ensino público, a criação do sentimento de nacionalidade, a eliminação das velhas pretensões regionalistas [...], a expansão comercial”, o aumento da produção industrial, o aperfeiçoamento do setor agropecuário, a expansão das ferrovias e dos

telégrafos. Para ele, o país vizinho havia alcançado evidentes sinais de um “alto estágio de civilização” em menos de meio século - após o término das guerras civis que convulsionaram o território do país vizinho durante toda a primeira metade do século XIX e já bem entrada a segunda metade daquele século (DIAS, 1901, p. 131-134).

Em relação aos “alicerces da nacionalidade”, Dias destaca, também, o poder naval-militar argentino, dedicando um capítulo inteiro ao tema (cap. XV, p. 135-151). Os litígios fronteiriços com o Chile e a “iminência de uma guerra” com o país vizinho, segundo o autor, teriam levado a Argentina a reequipar suas Forças Armadas. Dias, após visitar instalações militares, fornece detalhes em relação à capacidade bélica argentina, tanto em relação aos armamentos quanto à capacidade humana, elogiando o serviço militar obrigatório, “à prussiana”. O capítulo vem ilustrado com várias fotografias dos batalhões, armamentos, navios e couraçados. A riqueza de detalhes revela que o autor estabeleceu contatos influentes no país vizinho e que estava, evidentemente, chamando a atenção das autoridades brasileiras para, na visão dele, a necessidade de investimentos vultosos para as Forças Armadas brasileiras, tornando-as compatíveis com as todas as exigências da “guerra moderna”. Lembremos que o autor dedicou seu livro ao presidente Campos Salles e que havia publicado, no ano anterior, os livros *O problema naval* e *Algumas páginas*, nos quais defendeu a necessidade de uma melhor organização naval-militar nas repúblicas sul-americanas (DIAS, 1901, p. 132).

Em relação ao presidente Campos Salles, sua recepção em Buenos Aires, em 25 de outubro de 1900, junto com a comitiva - constituída por ministros, senadores, deputados etc. -, é descrita por Dias como tendo sido de enorme entusiasmo, como uma grande festa popular (ainda que o autor do relato tenha desembarcado somente quatro dias depois). Segundo Dias (DIAS, 1901, p. 155), 24 e 25 de outubro foram declarados feriados; distribuiu-se carne e pão para os pobres, “como no tempo dos romanos”; acudiram multidões do interior do país para as festividades; bandas de música tocavam pelos principais pontos da capital; “toda a imprensa entoava [...] em uníssono o hino da fraternidade americana”. O mandatário brasileiro foi recebido pelo presidente argentino Julio Roca e pelo general Mitre. Dias transcreve as notícias de vários jornais argentinos sobre a chegada do presidente brasileiro, entre eles *La Prensa*, *El País* e *La Nación*. As descrições de multidões aglomeradas para participar da festa de recepção a Campos Salles impressionam. Tudo é relatado para ressaltar, de forma contundente, a confraternização entre os dois países: as solenidades oficiais, as celebrações públicas, os banquetes, festas e bailes. O autor enfatiza a presença po-

pular nas praças e nas cerimônias em homenagem a Campos Salles e à comitiva brasileira, uma “multidão entusiástica”, segundo Dias, durante toda a semana da estada do presidente brasileiro em Buenos Aires (capítulos 16, 17 e 18, p. 153-190). O jornalista brasileiro chega a afirmar que todas essas cerimônias revelavam “a sistematização e solidariedade da vida das províncias com a da capital da república, identificadas nas mesmas sensações, nos mesmos pensamentos” (DIAS, 1901, p. 180), minimizando as divergências históricas entre Buenos Aires e as demais províncias.

Voltando a tratar da população buenairense, Arthur Dias, em diálogo com outro jornalista brasileiro que acompanhou a viagem de Campos Salles - Samuel das Neves, correspondente do *Correio Paulistano* -, elogia “o grau de seleção da raça”; a “quase ausência de mestiços” na cidade; a “ausência” de africanos e descendentes e a avalanche imigratória européia. Em suma, os dois jornalistas destacam a “superioridade” e a “pureza” da “raça branca”, predominante na população da capital argentina (DIAS, 1901, p. 194-196), conforme as concepções racialistas hegemônicas na época.

O jornalista brasileiro valoriza, também, no país vizinho, as “preocupações de ordem prática” - ligadas ao desenvolvimento econômico -, ao invés de “divagações democráticas”, “teorias políticas” e “quejandas” (DIAS, 1901, p. 196). Elogia explicitamente o admirável aumento da produção agroindustrial e do comércio exterior argentinos.

O relato de Dias tem um caráter claramente oficioso, de celebração do estreitamento das relações entre Brasil e Argentina e de exaltação do presidente Campos Salles. Após o retorno do presidente brasileiro, vários jornalistas permaneceram no país, inclusive o autor do relato aqui analisado. Os últimos capítulos da narrativa são dedicados a breves viagens a províncias do interior e litoral argentinos: Córdoba, Santa Fé e Paraná.

O relato da viagem para outras regiões e cidades do país platino seguiu o tom celebrativo usado pelo autor acerca de Buenos Aires: a qualidade das ferrovias, o progresso econômico do interior etc. Nem a monotonia da paisagem dos pampas chegou a esmorecer o entusiasmo do autor, pois “veio o imigrante”, cultivou a terra, dominou a “solidão” do deserto e transformou o pampa no “celeiro da Argentina”, além de espaço da impressionante atividade pecuarista já existente (DIAS, 1901, p. 231).

Os elogios se sucedem. Em Córdoba - segundo Dias, cidade nobre e austera, mas, ao mesmo tempo, progressista -, o autor fez visitas à universidade, às igrejas, aos edifícios públicos e manifestou, novamente, impressões fortemente positivas. Na província de Santa Fé, celebrou sua produção de trigo e a presença dos italianos. Na cidade de Paraná, desta-

cou sua tradicional Escola Normal. Em Rosário, enfatizou, novamente, o impacto positivo da imigração européia, o comércio, a arquitetura e o ensino (DIAS, 1901, p. 235-244; p. 252-291). Ao visitar as províncias, Arthur Dias destacou o caráter do ensino público, de ênfase na “unidade e solidariedade nacional”, e no combate “às pretensões cantonalistas”. O ensino público, mantido pelo governo federal nas províncias, chamou a atenção do jornalista, particularmente os institutos normais, de formação dos mestres-escola (DIAS, 1901, p. 279).

La Plata – capital da província de Buenos Aires, cidade planejada a 56 quilômetros a sudeste da capital da República e fundada havia apenas 18 anos -, também mereceu seus comentários entusiásticos. Ainda que Dias não tivesse tido tempo para ir a La Plata, trata de mencioná-la a partir das referências de colegas jornalistas que a tinham visitado (DIAS, 1901, p. 297-300).

Conclui seu relato no mesmo tom que imprimiu ao longo de todo o texto: de exaltação ao país vizinho e aos seus evidentes avanços econômicos e urbanísticos. Não há qualquer sombra de dúvida quanto à admiração e, ao mesmo tempo, digamos assim, uma ponta de inveja em relação ao progresso do país platino. A Argentina tornava-se, efetivamente, um modelo de desenvolvimento e organização econômico-social para o Brasil de inícios do século XX. A comparação com o Brasil era inevitável e, ainda que Dias tenha evitado fazê-la com frequência no livro, fica evidenciada, para o leitor, sua visão ao mesmo tempo diplomática, entusiástica e de consideração da Argentina como um país para o qual o Brasil deveria olhar e se espelhar para promover o seu próprio desenvolvimento. Conforme Ávila (2008, p. 83), “descreve-se o exótico como melhor (mais puro) ou pior (menos civilizado) do que o pátrio, mas é preciso evitar fazê-lo aparecer como igual”. A Argentina, na virada dos séculos XIX para o XX, representava, para muitos brasileiros, o espaço mais próximo da civilização européia em territórios sul-americanos. E o exotismo, entre países latino-americanos, não se manifesta de maneira radical (BAGGIO, 2006b), o que possibilita um olhar próximo, como o de Arthur Dias, misto de identificação e admiração.

O livro de Augusto Mario Caldeira Brant (1876-1968) - ou apenas Mario Brant, como ele assinava seus trabalhos -, *Viagem a Buenos Aires*, publicado no Rio de Janeiro em 1917, com 26 capítulos e 256 páginas, foi resultado da viagem do autor, como correspondente de *O imparcial*, junto à missão brasileira a Buenos Aires no ano anterior (BRANT, 1917). A missão diplomática, chefiada por Ruy Barbosa, dirigiu-se ao país vizinho para as

comemorações do centenário da Declaração da Independência, ocorrida em julho de 1816, na cidade de San Miguel de Tucumán.

Brant, de uma tradicional família de Diamantina, Minas Gerais - os Caldeira Brant, descendentes do contratador de diamantes português Felisberto Caldeira Brant -, foi deputado estadual e federal por seu estado. Em 1930, aliado do grupo mineiro que apoiou Getúlio Vargas, assumiu a presidência do Banco do Brasil.⁷

O relato de Brant tem boa dose de humor e ironia, que permeia o texto como um todo. O autor não adota o tom celebrativo de Arthur Dias e nem o seu texto possui o mesmo caráter oficioso do primeiro. Mas não deixa de enfatizar o cosmopolitismo de Buenos Aires; a riqueza e o luxo do comércio; a abundância das livrarias; a largura das avenidas; a imponência dos edifícios públicos, das casas comerciais e residências; a beleza dos templos etc. Também exalta o rápido crescimento populacional da capital, a imigração e o predomínio das “melhores raças” (BRANT, 1917, p. 29-51). Em meio a comentários espirituosos sobre expressões usuais do castelhano falado em Buenos Aires, sobre a pronúncia e o vocabulário locais, Mario Brant vai descrevendo a cidade.

O narrador mescla descrições da cidade a referências sobre sua história e comentários sobre os costumes de seus habitantes. Diferentemente do relato de Arthur Dias, o de Brant não se limita ao centro de Buenos Aires e aos bairros das classes média e alta. Descreve os bairros dos trabalhadores, como Barracas e La Boca, com suas casas de zinco e crianças mal agasalhadas no inverno platino, em pleno mês de julho. Faz referência à inadequação das habitações populares aos rigores do inverno gelado e do verão sufocante, e aos contrastes entre os bairros operários e os bairros mais ricos, como Palermo - com residências luxuosas e de “bom gosto” arquitetônico. Visita os parques, os cafés, confeitarias, tabacarias, livrarias, clubes, teatros, cinemas, museus, galerias de arte; comenta sobre a elegante vida social e cultural, a imprensa, o sistema de saúde, o gosto pelos esportes. Enfim, sobre todos os signos do cosmopolitismo e da “civilização” (BRANT, 1917, p. 68-109, 119-123).

Como já havia feito Arthur Dias (1901, p. 94), Brant enfatiza a menor incidência da “fusão de raças” como um aspecto altamente favorável ao desenvolvimento. Destaca a imigração européia e a presença do que ele denomina “tipo latino sadio”, além de considerar positiva a quase ausência de negros, não adaptados, segundo ele, ao rigoroso inverno do país platino. A “seleção da raça” teria favorecido o progresso (BRANT, 1917, p. 50, 142, 195-199).

Também elogia o ensino público argentino, em todos os níveis, do primário ao superior. E, como Dias, ressalta o moderno sistema de transportes, com destaque para o metrô, o trem subterrâneo de Buenos Aires, “o mais perfeito de quantos existem na Europa ou na América” (BRANT, 1917, p. 174). Destaca, também, a eficiência do sistema de filtragem e purificação da água, assim como, do serviço policial, além de outros serviços públicos (BRANT, 1917, p. 153-187).

Especialista em economia e finanças - como já mencionado, foi presidente, por duas vezes, do Banco do Brasil -, Brant discorre sobre o custo de vida; o valor dos salários de acordo com as diferentes profissões; o sistema monetário; o déficit público (principalmente nas províncias); o sistema tributário e o comércio externo. Elogia a produção de cereais, a mecanização da agricultura e, claro, a pecuária (principalmente a melhoria dos rebanhos). Reproduz a visão da historiografia liberal anti-rosista, ou seja, a idéia de que todos os avanços econômicos ficaram paralisados à época de Rosas (BRANT, 1917, p. 111-117, 201-223, 241-243).

Faz uma excursão a La Plata e compara a capital da província de Buenos Aires com Belo Horizonte, a capital de Minas, planejada como a cidade platina e inaugurada 15 anos depois (BRANT, 1917, p. 125-134).

Nas suas considerações finais, após 20 dias em Buenos Aires, breve estada em La Plata e rápida passagem por Montevideú, Brant valoriza o sentido de confraternização da viagem de 1916, capitaneada por Ruy Barbosa. Anteriormente, o autor já havia afirmado, em seu livro, que “os equívocos entre as duas nações nunca existiram realmente”, tendo sido apenas “importunos zumbidos de besouro, sem nenhuma significação nem conseqüências” (BRANT, 1917, p. 71).

O texto de Mario Brant tem um caráter muito menos celebrativo que o de Arthur Dias; não tem o tom oficioso do outro e é farto em gracejos e humor. Mas, como já apontamos, assim como no relato de Dias, toma a Argentina - e Buenos Aires, em particular - como o espaço mais civilizado e moderno da América Latina. Entretanto, revela um espírito mais crítico, como, por exemplo, ao tratar da política econômica, que, segundo o autor brasileiro, ao beneficiar os exportadores, prejudicava todo o restante da população, além de contribuir para o déficit público, a inflação e o aumento da dívida externa (BRANT, 1917, p. 229-239).

O terceiro relato sobre o qual vamos nos deter é o de Luiz Amaral, jornalista que empreendeu uma viagem de mais de 20 mil quilômetros atravessando o estado do Mato Grosso, o Paraguai, a Argentina e a fronteira do Brasil com a Bolívia, durante três meses. Sua cansativa e, ao mesmo tempo,

rica jornada foi descrita no livro *A mais linda viagem*, publicado em São Paulo, em 1927. Dos três relatos, é o mais curto, com 113 páginas distribuídas por seis capítulos, além de dez fotografias tiradas pelo próprio autor.

Dados os objetivos deste texto - analisar relatos de viagens de brasileiros pela Argentina e, no caso de Luiz Amaral, suas estadas no Paraguai e na fronteira boliviana -, não vou me deter no percurso do autor pelo interior de São Paulo e pelos atuais estados do Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Apenas chamo a atenção para as dificuldades da jornada, relatadas pelo autor e, ao mesmo tempo, para a surpresa ao se deparar com mais desenvolvimento na região do que supunha. Amaral elogia o desenvolvimento de Campo Grande e a presença de imigrantes japoneses, que, segundo ele, estavam perfeitamente adaptados à região e desenvolviam importante atividade agrícola no cerrado (AMARAL, 1927, p. 11-14).

Na fronteira com o Paraguai, região do Chaco - ou Pantanal, conforme a denominação brasileira -, o autor descreve a fauna com admiração e afirma: “é o domínio completo da natureza” (AMARAL, 1927, p. 20). Mas, ao entrar no país vizinho, o autor quase imediatamente explicita o “atraso” paraguaio em relação ao Brasil, fruto, ainda, segundo ele, da Guerra da Tríplice Aliança, encerrada mais de 50 anos antes. Para Luiz Amaral, o Paraguai ainda vivia, nos anos 1920, a “catástrofe moral” da derrota de 1870, insulado nas “convulsões internas” e na “xenofobia” (AMARAL, 1927, p. 21-23). Nas palavras do autor, o Paraguai não teria tomado “conhecimento do progresso” e era um país de miséria e corrupção (AMARAL, 1927, p. 23, 28). Assunção não estaria melhor, caracterizada com uma cidade “velha” e “atrasada”.

O autor incluiu, em seu livro - como já observamos -, algumas fotos. No caso do Paraguai, apenas uma foto de duas mulheres indígenas, da etnia chamococa (AMARAL, 1927, p. 30). A título de comparação, no caso do Mato Grosso, o autor expõe fotos de belas paisagens: a serra entre Aquidauana e Miranda; o Rio Paraguai, em cujas margens aparecem os trilhos da Noroeste do Brasil; o Jardim Público de Corumbá etc. (AMARAL, 1927, p. 14; p. 30). Caracteriza o Paraguai por sua “vida urbana nula”, pela “miséria nacional”, pela ausência de comércio, pela desolação e despovoamento. E conclui: “a melhor medida desse atraso é o fato de ao paraguaio bastar [...] o guarani, idioma paupérrimo [...], gutural, ofensivo à garganta de quem fala e aos ouvidos de quem ouve” (AMARAL, 1927, p. 33). Evidente aqui o contraste: o centro-oeste do Brasil se desenvolvendo a olhos vistos e o Paraguai parado no tempo, herdeiro das ditaduras do século XIX e ainda marcado pela forte presença indígena. O Paraguai é, explicitamente, para Luiz Amaral,

sinônimo do atraso e da quase completa ausência de elementos da modernidade.

O autor relata, também, seu percurso pela fronteira com a Argentina: de Encarnación, no Paraguai, a Posadas, capital da província argentina de Misiones. Na primeira cidade, o retrato da barbárie; na segunda, elementos de civilização. A bordo de um trem, Amaral atravessa as províncias argentinas de Misiones, Entre Ríos, Corrientes e Buenos Aires. Ao atravessar os pampas, “imenso pasto... imenso pasto...”, Amaral afirma ter sentido “saudades incontidas do Brasil”, de sua paisagem, da natureza da pátria e da “alegria”. O autor vê os pampas como sinônimos de tristeza. As fazendas eram “provisórias”, pois os fazendeiros e suas famílias, segundo Amaral, moravam em Buenos Aires. As cidades do interior, mesmo as capitais de províncias, também eram espécies de “acampamentos”, com todos esperando o dia de transferirem-se para Buenos Aires. O jornalista brasileiro chega a afirmar que “a Argentina está quase toda em Buenos Aires”. Compara as cidades argentinas com as brasileiras - mesmo as que não eram capitais de estados -, com grande vantagem, segundo ele, para as últimas, consideradas como “centros de civilização” (AMARAL, 1927, p. 38-41). Entretanto, ao referir-se a Buenos Aires, a avaliação se altera: para Luiz Amaral, a capital da república argentina era “a grande metrópole de toda a América espanhola”, a “segunda cidade da Raça Latina - logo depois de Paris”. Compara Buenos Aires ao Rio de Janeiro, avaliando a superioridade portenha em muitos aspectos: comércio pujante, luxo, diversões, vida social, produção cultural e intelectual, imprensa, arquitetura. Por outro lado, considera o buenairense “frio”, “melancólico”, como o tango, sem a luz solar e as belezas naturais do Rio de Janeiro. Mantém-se aqui antigas dicotomias e representações.

Amaral vê a vida metropolitana de Buenos Aires, entretanto, como perigosa para as populações do interior, atraídas pela riqueza, mas, com frequência, envolvidas pelos “vícios”. Além disso, as províncias seriam entregues aos “alienígenas”. Numa visão explicitamente nacionalista, afirma: “a alma nacional, é na província que se forma. Se é plasmada por alienígenas, ela trará, para todo o sempre, a ficha do estrangeiro a cujas mãos foi confiada” (AMARAL, 1927, p. 44). No período entre-guerras, de grande força das concepções nacionalistas, aparece em Amaral a dicotomia entre tradição e cosmopolitismo, numa perspectiva que, sem dúvida, dava primazia à primeira.

Nesse sentido, o jornalista brasileiro chama a atenção do leitor para o significativo crescimento do movimento operário no país platino, segundo ele, com um número cada vez maior de “agitadores”, um “socialismo forte” e um “crescente bolchevismo”. Afirma que Buenos Aires era um “vi-

veiro de idéias sociológicas avançadas e perigosas” e que o proletariado, “vasto”, era constituído por “elementos internacionais” e “pregadores de princípios dissolventes”, ou seja, o anarquismo, socialismo e bolchevismo (AMARAL, 1927, p. 55). Para ele, os sindicatos eram organizados não para a defesa dos interesses das categorias profissionais, mas para o “combate sistemático”. Eram, para Amaral (1927, p. 55), “órgãos dos ódios de classes”. Ao avaliar a situação político-social argentina, o brasileiro adverte seus leitores: “julgo, portanto, possível uma sucursal da Rússia vermelha na América do Sul”, com o conseqüente “aniquilamento de uma nação próspera”. E alerta os brasileiros sobre a “inquietadora questão social” argentina, torcendo para que “quicá não prejudique os vizinhos” (AMARAL, 1927, p. 56). Vale ressaltar que Luiz Amaral publica seu livro após mais de uma década de governos radicais na Argentina⁸, que adotaram um discurso e medidas antioligárquicas, provocando a oposição das vertentes e dos grupos mais conservadores.

Nos capítulos finais de sua narrativa, o autor trata de sua estada na cidade boliviana de Puerto Suárez, na fronteira com o Brasil, próxima a Corumbá. As palavras dirigidas aos bolivianos ressaltam sua hospitalidade e gentileza. Mas a ênfase nessa etapa da viagem é dada à natureza da região fronteiriça entre Brasil e Bolívia. A seguir, o viajante volta a Corumbá e dirige-se à Cuiabá, percorrendo o interior do Mato Grosso. Além da exaltação dos encantos naturais, particularmente da fauna, e dos comentários sobre as enormes dificuldades do caminho, Amaral (1927, p. 88-89) faz referência a populações indígenas com as quais se depara. Sobre elas, insere no relato apenas as observações, em certo sentido previsíveis, acerca da sua vida rudimentar e primitiva.

Ao discorrer sobre Cuiabá, enaltece a unidade nacional, a despeito do gigantismo do território brasileiro e das dificuldades nas comunicações e transportes. Segundo Amaral, a unidade do país era garantida, em grande medida, em razão da preservação das tradições, pelos usos e costumes “idênticos em todas as partes do país”, que “falam eloqüentemente à alma nacional”. O autor, diversamente de Arthur Dias e Mario Brant, sente-se atraído, em fins da década de 1920, pelas festas e tradições populares, muito mais do que pelo cosmopolitismo “sem poesia” dos grandes centros urbanos. Mas, nessa defesa das tradições, há avaliações díspares: Assunção era “velha e atrasada”; em compensação, Cuiabá mantinha as tradições e as heranças históricas, contribuindo para “garantir” a nacionalidade brasileira. Além disso, o autor não reconhece as diferenças culturais existentes entre as diversas regiões do país.

O livro de Amaral dá mais destaque ao centro-oeste brasileiro – mais especificamente ao Mato Grosso – do que aos países hispano-americanos que visita. Seu tema central é a “descoberta” do interior “desconhecido” do Brasil, como o próprio subtítulo da obra anuncia. Num contexto de rápidas transformações sociais e culturais e de profusão de sentimentos relacionados ao risco de perda das tradições, Amaral não demonstra o mesmo entusiasmo com a modernização que transparece nos dois relatos anteriormente analisados, principalmente na obra de Arthur Dias. Com concepções mais conservadoras, Luiz Amaral revela o temor com o crescimento do movimento operário e o fortalecimento das esquerdas, e elogia as tradições populares dos sertões do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma perspectiva comparativa acerca das três narrativas - particularmente sobre Buenos Aires e, num sentido mais amplo, sobre a Argentina -, podemos afirmar que o livro de Arthur Dias tem um caráter praticamente oficial, tomando a Argentina como “modelo” para o Brasil. Só vê no país vizinho aspectos positivos e celebra o esforço de aproximação diplomática dos primeiros anos da República. Há, em Dias, um evidente deslumbramento com o progresso argentino.

O relato de Mario Brant também representa a Argentina - e, especialmente, Buenos Aires - como o espaço da civilização na América Latina, mas sem o mesmo grau de entusiasmo de Arthur Dias. Há, inclusive, uma certa criticidade, principalmente ao tratar da má qualidade de vida nos bairros operários e nas restrições que faz em relação à política econômica, que, segundo ele, não tinha rigor no controle do déficit público, comprometendo a manutenção do progresso do país.

Luiz Amaral, como já evidenciamos, também vê Buenos Aires como a cidade mais civilizada da América Ibérica. Entretanto, em seu livro, a questão social, o temor pelo crescimento do operariado - as “classes perigosas” -, o avanço das idéias socialistas, o risco de “contaminação” do Brasil por concepções e movimentos “dissolventes” - ou, em termos mais recentes, “subversivos” -, aparecem com ênfase. É importante ressaltar que os livros foram escritos em momentos diversos. Quando Brant publicou seu relato, em 1917, as principais cidades brasileiras vivenciavam importantes movimentos grevistas e Brant preocupou-se com a questão social argentina, chamando a atenção do leitor para os contrastes entre os bairros ricos e os bairros operários de Buenos Aires. Em 1927, ano da publicação do livro

de Amaral, as esquerdas se fortaleciam no Brasil - o Partido Comunista (PCB) havia sido fundado apenas cinco anos antes -, as cidades se modernizavam, os costumes se alteravam, a indústria crescia e, ao mesmo tempo, reações conservadoras e nacionalistas se faziam ouvir.

Por fim, endossamos, novamente, a relevância do uso dos relatos de viagens como fontes históricas, muito ricas para analisar a circulação de idéias e a construção de visões sobre diferentes países e regiões. Os relatos publicados por jornalistas, particularmente, revelam, em grande medida, o que podemos denominar de “imaginário coletivo” ou, ao menos, o que se pretende construir como um “imaginário coletivo”. Ao mesmo tempo, reafirmam o lugar fundamental da imprensa na construção de visões sobre o “outro”.

Nesse momento, retomamos a pergunta: de que fala o viajante? Do próprio ou do outro? Ou do próprio e do outro? Consideramos que a última equação é a mais pertinente.

FROM THE TROPICS TO THE PRATA: BRAZILIAN TRAVELLERS THROUGH ARGENTINA IN THE FIRST DECADES OF THE 20TH CENTURY.

ABSTRACT: In the first decades of the 20th century, the government and brazilian intellectuals made an effort to have closer relations with Hispanic America, particularly Argentina. This approach can be observed, besides other documents, in travel writings, that are significant sources to analyse the visions about the “other”. After some reflections about travel writings as historical sources, we analyse three narratives of Brazilian travellers through the Prata region: of the journalist Arthur Dias, published in 1901; of Mario Brant, in 1917, and, finally, of Luiz Amaral, in 1927. We consider that the travel writings between Americas are rich historical sources - and still no sufficient explored by the historians - to understand the representations constructed by latin americans about other latin americans, considering that the national identities had been affirmed, in great measure, face the neighbouring countries.

KEY-WORDS: travel writings, brazilian travellers, Argentina

NOTAS

- ¹ Versões preliminares deste texto foram apresentadas no XXVII International Congress of the Latin American Studies Association, Lasa, 2007, realizado em Montreal, Canadá, de 5 a 8 de setembro de 2007 e no XVI Encontro Regional de História da ANPUH-MG, realizado em Belo Horizonte, MG, de 20 a 25 de julho de 2008. Esse artigo faz parte de um projeto maior, intitulado “Viajantes entre as Américas”, que busca analisar relatos de viagens de brasileiros pela

América Hispânica e de hispano-americanos pelo Brasil, entre meados do século XIX e meados do XX. O projeto visa contribuir para a análise das representações mútuas e da construção de identidades, além de possibilitar reflexões acerca da circulação de idéias e intelectuais entre os países latino-americanos.

- ² Não nos foi possível encontrar mais informações sobre os autores dos relatos do que aquelas, escassas, que aparecem neste artigo.
- ³ Uruguai, Argentina e Chile foram os primeiros a reconhecer o novo governo brasileiro, ainda em 1889. Em janeiro de 1890, foi a vez da Bolívia, Venezuela, México e Estados Unidos. Na Europa, a França republicana foi a primeira, em julho de 1890, seguida pela Grã-Bretanha, Itália e Espanha, em 1891.
- ⁴ Stella Maris Scatena Franco, em seu livro *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*, inverte duplamente a visão convencional das análises sobre relatos de viagens, pois trata de narrativas de mulheres e de latino-americanas que visitaram a Europa e os Estados Unidos. O trabalho é uma importante contribuição sobre a temática.
- ⁵ Um dos relatos mais conhecidos é o do escritor e político argentino Domingo Faustino Sarmiento, *Viajes por Europa, África y América, 1845-1847*.
- ⁶ Informação dada pelo próprio Arthur Dias em seu livro.
- ⁷ Mario Brant casou-se, em 1900, com Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970), que ficou conhecida por seu livro *Minha vida de menina* - publicado em 1942, sob o pseudônimo de Helena Morley -, diário escrito na adolescência da autora que retrata a vida cotidiana na cidade de Diamantina, em fins do século XIX.
- ⁸ Radicais, no sentido de membros da União Cívica Radical, partido argentino fundado em 1891.

FONTES

AMARAL, Luiz. *A mais linda viagem: um "raid" de vinte mil quilômetros pelo interior brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1927. 113p.

BRANT, Mario. *Viagem a Buenos Aires*. Rio de Janeiro: Martins de Araújo, 1917. 256p.

DIAS, Arthur. *Do Rio a Buenos Aires: episódios e impressões d'uma viagem*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901. 317p.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Myriam. Peripatografias: o motivo da viagem na literatura latino-americana. In: ÁVILA, Myriam. *O retrato na rua: memórias e modernidade na cidade planejada*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

BAGGIO, Kátia Gerab. *A outra América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BAGGIO, Kátia Gerab. A Revista Americana (1909-1919) e as relações entre as Américas. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (Orgs.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006a, p. 447-463.

BAGGIO, Kátia Gerab. Magia e paixão: o México sob o olhar de Erico Verissimo. *Projeto História*, São Paulo, n. 32, p. 79-95, jan./jun. 2006b.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O gigante brasileiro na América Latina: ser ou não ser latino-americano. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000) - A grande transação*. São Paulo: Ed. do Senac, 2000. p. 285-316.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999. (1. ed. francesa de 1980).

HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004. (1. ed. francesa de 1996).

JITRIK, Noé (selección). *Los viajeros*. Buenos Aires: Editorial Jorge Alvarez, 1969. (Colección Los Argentinos, 10).

PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: CONGRESSO ABRALIC. *Anais...*, Belo Horizonte: Abralic, 1991, v. 1. p. 60-66.

PRADO, Maria Ligia Coelho. O Brasil e a distante América do Sul. *Revista de História*, Humanitas, São Paulo, n. 145, p. 127-149, 2001.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999. (1. ed. em inglês de 1992).

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002.